

QUEBRANDO PARADIGMAS: NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A HISTÓRIA INDÍGENA BRASILEIRA.

Laís de Oliveira Neves, Samiri da Silva Mendes; José do Egito Negreiros Pereira

(Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; lais_oliveiraneves@hotmail.com;
samiry.mendes2010@hotmail.com)

Resumo: Do período do século XVI até os dias atuais as abordagens utilizadas para tratar sobre os povos indígenas no Brasil são, majoritariamente, de caráter redutivo, apesar de há certo tempo pequenas vozes começam a mudar a historiografia a cerca de uma nova visão para o índio, que não se resumem a vítimas passivas no processo da colonização, ainda pouco se ouve sobre o assunto na sala de aula, ou até mesmo no livro didático. O que se sabe na maioria das vezes, é uma pequena parte da cultura que herdamos, como o hábito de tomar banho ou a sua culinária exótica. Além do caráter redutivo que negligenciou a multiplicidade dos povos indígenas com suas variadas etnias e culturas que se dividem em dois nomes, os Tupis e Tapuias, que através desse ponto de vista seguem rumo a “extinção” na história atual. Por esta razão o presente artigo tem como objetivo apresentar uma nova perspectiva para a história do indígena no Brasil, desconstruindo a ideia de aculturação, demonstrando os nativos, como agentes no processo de colonização e pós colonização, muito além de uma simples cultura exóticas, mas descaracterizando os valores simplistas de interpretações equivocadas e preconceituosas, a partir de uma releitura sobre as obras de Gilberto Freyre e Francisco Adolfo de Varnhagen, buscando suporte na tese da Maria Regina Celestina Almeida, no livro Os índios na história do Brasil, onde com o surgimento de novas pesquisas têm demonstrado a ampla diversidade de novas interpretações sobre a trajetória dos grupos nativos.

Palavras-chave: Índios, Brasil, aculturação.

Abstract: During the sixteenth century to the present day approaches on indigenous peoples in Brazil, are reductive character, despite the little voices begin to change the historiography about a new vision for the Indians, who did not boil down to passive victims in the process of colonization, still, little is heard about it in the classroom, or even in the didactic book. What is known in most cases, is a limitation to the culture that we have inherited as a habit of ultimately for making bath or its exotic culinária. In addition to the reductive character who neglected the multiplicity of indigenous peoples with their varied ethnic groups and cultures between two names, Tupis and Tapuias that this same line heads to "extinction" in the current history. For this reason the present article aims to present a new perspective to the history of the indigenous in Brazil, deconstructing the idea of acculturation, demonstrating the natives, as agents in the process of colonization and post-colonization, far beyond a simple exotic culture but descaracterizando simplistic values of misleading and biased interpretations, from a rereading of the works of Gilberto Freyre and Francisco Adolfo de Varnhagen, seeking to support the thesis of Maria Regina Celestina Almeida, in the book the Indians in the history of Brazil, where the emergence new research has shown a wide range of new interpretations, about the history of the native groups.

Keywords: Indians, Brazil , acculturation

INTRODUÇÃO.

O Século XV foi marcado de diversos acontecimentos na história do mundo, como também o período das Grandes Navegações Europeias, e junto com elas os períodos de colonização. O processo literário sobre as relações entre brancos e índios na colonização das américas foram caracterizados pelo modelo eurocêntrico. A narração que se teve por muitos anos no Brasil, foi a descaracterização do índio. Onde perpassaram como figuras rudimentares, que não conseguiram progredir no tempo.

Segundo Varnhagen (1953), na colonização brasileira, o Brasil se tratava de uma terra sem características próprias, seus povos estavam a mercê da barbárie, com a chegada do branco, elitizado, católico europeu, o Brasil seria iluminado rumo ao progresso.

A visão do nativo sempre se deu como figuras atrasadas ou até mesmo como crianças, pelos seus comportamentos culturais. Como Freyre, (2005, p. 158) afirma em Casa Grande e Senzala: “De modo que não é o encontro de uma cultura exuberante de maturidade com outra já adolescente, que aqui se verifica; a colonização europeia vem surpreender nesta parte da América quase bando de crianças grandes [...]”. Já Varnhagen (1953) também ressalta, que por serem “povos na infância”, os índios não possuíam história, existindo apenas etnografia.

As relações entre índios e brancos, foram intrinsecamente ligadas a massacre ou a relações de poder. De modo que suas características se delimitavam entre índios bons ou maus; os *Tupis*, que seria os bons, e *Tapuias*, os maus, quando era bom, o índio estava ligado aos interesses europeus, e não entravam em conflito e aceitavam suas negociações, e quando era mal, os índios estavam longe de negociação ideológicas ou territoriais, chamados de imediato de bárbaros. Ao falar de indígenas é comum analisá-los na literatura, como povos guerreiros e desbravadores, apesar de não contribuírem de forma assídua no trabalho braçal, se tratavam de grandes conquistadores em virtude do conhecimento da terra.



No entanto quando os povos eram “os maus”, era irrelevante na sua construção para a história, pois, após o domínio português perdiam sua cultura autêntica e passavam a ser inclusos no sistema europeu. Como afirma Fernandes (1976:72) “ o seu heroísmo e sua coragem não movimentaram a história, perdendo-se irremediavelmente com a destruição do mundo em que viviam”.

De modo geral eram vistos como povos que foram contemplados pela salvação europeia, e por isso deveriam está a sua disposição, para os seus devidos fins. Ao serem escravizados, logo vítimas indefesas já que eram tratados como crianças, foram deixados à mercê da cultura europeia.

A perspectiva de que o índio em contato com o “ progressista” português europeu, iria se perder no tempo, transpassou décadas. Apesar da influência de Florestan Fernandes na tentativa de desmistificar essa ideia de homens passivos, propostas por Freyre e Varnhagen, as relações sobre os índios na história continuaram no dualismo simplista dos ideais de aculturação.

É dessa maneira que a historiografia brasileira tem deixado o indígena como coadjuvante, como agente na sociedade, seja na etnia ou na contribuição dos contatos coloniais e pós-coloniais. Apesar de Freyre e Varnhagem contribuírem para essa ideia, da formação da nossa sociedade, se faz necessário analisar esses discursos com uma nova perspectiva, já que a nova historiografia traz um novo olhar para o mundo, sem a ideia de redução. Seria olhar o índio agora desconstruindo a ideia de aculturação, mesmo sendo lento esse processo de desmistificação das raízes preconceituosas na sociedade, podemos observar que novas concepções sobre o indígena, embora sutis, já estão emergindo.

E por isso este presente artigo tem como objetivo apresentar uma nova perspectiva para a história do indígena no Brasil, descontruindo a ideia de aculturação, demonstrando os nativos americanos, como agentes no processo de colonização muito além de uma simples cultura, mas descaracterizando os valores simplistas de interpretações equivocadas e preconceituosas. Buscando suporte na tese da Maria Regina Celestina Almeida, no livro Os índios na história do Brasil.

2. METODOLOGIA.

A abordagem metodológica utilizada nesse artigo foi através de estudos exploratório e a utilização de pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de materiais disponíveis na historiografia, tais como: artigos científicos, dissertações e livros (GIL, 2008). Nesse caso, procuramos referenciais teóricos buscando recolher informações ou conhecimentos prévios que nos forneceram suporte nas discussões sobre os indígenas no Brasil.

Todas as buscas foram realizadas no período entre julho e agosto de 2016. Entre os principais autores que deram suporte teórico a este artigo destacam-se: ALMEIDA (2010); VARNHAGEN (1953); FREYRE (2005).

Nesse sentido, reflexionamos sobre os indígenas no Brasil no livro da Maria Regina Celestina Almeida, Os índios na História do Brasil em uma etapa Os índios e o processo de aculturação?, em outra.

Conforme já foi dito ao longo do texto, esse trabalho procura demonstrar novas perspectivas sobre a história dos indígenas na sociedade brasileira, desmistificando a ideia de aculturação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.

3.1. Os índios e o processo de aculturação?

Durante anos difundiu-se a visão simplista de que os índios desempenhavam um papel secundário durante a colonização, agindo sempre em função dos interesses europeus. Segundo Almeida (2010), essa maneira de pensar o índio como agente passivo que com a chegada do europeu seu caráter étnico iria desaparecer nos primeiros anos de colonização, tem perpassado décadas da história brasileira. Porém estudos entre os séculos XV e XIX, comprovaram que muitos índios do período colonial ainda se mantinham inseridos em diversas regiões do país.

O processo de aculturação visto pelos antropólogos entre o século XV e XIX, voltavam seus estudos para uma relação de “ povos primitivos”. Sua cultura era pura e imutável. Sendo qualquer movimento de mudança descartado, por não adquirir seu



caráter ideológico passado. Almeida (2010) ainda ressalta, que muitas vezes se levantaram para tentar demonstrar a valorização da cultura dos demais entre o século XX, porém poucas foram ouvidas.

As influências de Freyre e Varnhagem foram de extremo a extremo sobre o que de fato era cultura indígena. As relações eram apenas de submissão e dominação, onde uma cultura era imposta sobre a outra, anulando-a. A ideia de que o índio estaria em extinção também nos foi disseminada, dessa forma não restava ao índio nenhuma resistência, a não ser submeter-se e aceitar o processo de mudanças, perdendo junto com as guerras a sua identidade.

Por isso os indígenas acabavam sendo deixados à condição de vítimas passivas dos processos de conquista e colonização, seu destino inexorável era desaparecer à medida que a sociedade envolvente se expandia. Para Almeida (2010) nas últimas duas décadas houveram, significativas mudanças teórico-metodológicas, associadas a criteriosas pesquisas empíricas, que proporcionaram o surgimento de uma nova perspectiva sobre as populações nativas.

Assim a visão de vítimas que sofreram e aguentaram passivamente às explorações dos europeus, foi se esfacelando e sendo substituída por uma visão onde os índios eram ativos no processo de colonização, agindo por diversas vezes em benefício próprio; eram agora agentes sociais e diretos na história do Brasil.

Os novos estudos sobre os nativos americanos possibilitaram mudar essa ideia de genuinidade na hospitalidade dos índios, que viam os europeus como deuses e por isso, exageravam nos alimentos e no oferecimento das suas mulheres. As tribos se diferenciavam entre si, dependendo de cada cultura, era caracterizada por sua “hospitalidade”, no entanto muitos dos indígenas entraram em confronto com os europeus, na defesa da sua terra.

É possível notar que a relação do índio para com o europeu não foi reduzida à resistência armada, fuga ou submissão passiva, os índios passaram por um processo de adaptação, onde encontraram formas de sobreviver. Como afirma Certeau (1994) uma nova maneira de resinificar suas práticas, a “bricolagem” de uma cultura com a outra. Assim, garantindo melhorias através da situação em que se encontravam. O índio não estava aqui em sua maioria para serviço do português ou em sua ingenuidade agindo



por tolice. Eles tinham suas necessidades e estratégias para driblar o que estava acontecendo.

Assim como outros sujeitos históricos, os índios, ainda que em posição explicitamente inferior, aprenderam a utilizar dessa condição em prol dos seus interesses. Apesar de terem enfrentado situações extremamente difíceis e uma série de restrições jurídicas e sociais, os índios ajudaram a delinear os limites e possibilidades das sociedades coloniais.

Por volta dos anos de 1530 com a ocupação territorial no Brasil e o início da colonização, Marchant (1980) ressalta que os portugueses precisavam extremamente dos índios para o trabalho nas lavouras, e com a necessidade de maior produção, pressionavam a rapidez do trabalho, de modo que não agradava ao índio trabalhar excessivamente. Já que eles trabalhavam de acordo com seus próprios interesses, sua cultura não tinha essa noção de acumular, além de que a agricultura para os tupinambás era atividade feminina, não era nada atraente. Logo as atividades de escambo foram diminuindo, sendo alternativa para o português a escravidão em larga escala. Segundo Almeida (2010), os índios se apropriavam e analisavam as rivalidades dos europeus entre si aliando-se para aqueles que fossem mais vantajosos.

Almeida (2010) afirma que, diferente do que se acreditava, os indígenas não foram extintos, pelo contrário, multiplicaram-se, tornando-se mais presentes em todas as áreas de atuação e a Constituição 1988 reafirma o crescimento indígena garantindo-lhes direito sobre suas terras e cultura:

Artigo 231 - São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (1998, Cap VIII)

O que se percebe na relação entre colonizadores e índios é que a mudança cultural não é exclusivamente o esvaziamento ou aculturação total, mas uma relação dinâmica entre as duas culturas, mesmo nessa situação extremamente violenta. Apesar das piores relações sociais humanas, como violência na escravidão, é possível reconstruir significados e fortalecer as identidades culturais, nesse mesmo sentido Ramos (1988) discute que cultura estática, ou tradição estática não existe, pois por

mais violenta que tenha sido o contato, há sempre uma reação criativa por parte dos índios.

Portanto ao invés de tacharmos os nativos americanos de vítimas passivas no processo de colonização os índios, ainda hoje, “incorporam elementos da cultura ocidental, dando a eles significados próprios e utilizando-os para a obtenção de possíveis ganhos nas novas situações em que vivem”. (Almeida, 2010, p.22)

Faz-se necessário lembrar que “a colônia era um mundo em construção, no qual todos se influenciavam mutualmente e se transformavam”. (Almeida, 2010, p.22). A percepção de dominadores e dominados onde o primeiro exerce controle absoluto sobre o segundo, anulando assim suas chances de reações já não se sustenta mais. Estudiosos acabaram por reconhecer que os índios mesmo “dominados” e “aculturados” não deixaram de resistir e apesar de terem sumido por um longo tempo da historiografia ressurgem como agentes de nossa história.

4. CONCLUSÃO.

Esse artigo trouxe uma nova maneira de enxergar os indígenas brasileiros, que vão além de figuras rudimentares. A cultura de nenhum povo pode ser esquecida, muito menos submetida ao abandono total. Com Almeida, propomos um novo olhar para os processos de aculturação e a existência de índios no nosso país, sem estarem submetidos à extinção por adquirirem novas maneiras de viver. Trata-se, portanto, de reconstruir uma compreensão histórica compartilhada a cerca desses povos, que permita compreender sua presente contribuição nas relações colônias, pós colônias e como brasileiros, e agentes na cultura e na historiografia, como resultado de sua própria maneira de fazer história. Além de desconstruir a ideia eurocêntrica que foi propaganda durante três séculos de identidades genéricas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

FERNANDES, Florestan. A organização social dos Tupinambá. São Paulo:HICITEC,1989 [1949].

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala, 50ª edição. Global Editora. 2005.



GIARD, Luci. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARCHANT, Alexandre. Do escambo à escravidão. São Paulo/Brasília: Ed. Nacional/INL, 1980.

RAMOS, Alcida. “ Indian Voices : “Contract Experienced and Expressed”. In: J. Hill(org.) History and Myth, op.cit.. Urbana: University of Illions Press, 1988, p.227-230.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. História Geral do Brasil. Tomo 1. 5ª ed. São Paulo:

Melhoramentos, 1953. _____. História Geral do Brasil. Tomo 2. 5ª ed. São

Paulo: Melhoramentos, 1953. _____. História Geral do Brasil. Tomo 3. 5ª ed.

São Paulo: Melhoramentos, 1953. _____. História Geral do Brasil. Tomo 4. 5ª

ed. São Paulo: Melhoramentos, 1953 WEB Análise do Discurso Fundante de Varhagem.

Disponível em: Acessado em: 29 agosto. 2012.

RAMOS, Alcida. “ Indian Voices : “Contract Experienced and Expressed”. In: J. Hill(org.) History and Myth, op.cit.. Urbana: University of Illions Press, 1988, p.227-230.